A ENTREVISTA EM GROUNDED THEORY: APRENDER COM OS PARTICIPANTES

Célia Simão de Oliveira¹, Rita Madeira Nogueira² e Idalina Delfina Gomes³

^{1 e 3} Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Portugal. Doutora em Enfermagem. coliveira@esel.pt, igomes@esel.pt

² Hospital Divino Espírito Santo de Ponta Delgada, E.P.E.R. Portugal. rita.n.madeira@azores.gov.pt

Resumo. Introdução Desenhar e realizar entrevista é um quase imperativo para quem se propõe investigar em paradigma interpretativo. Para que exista consistência e rigor metodológico num estudo, importa saber alinhar a técnica de recolha de dados com o método em uso, no caso a entrevista com a *Grounded Theory* (GT); Objetivos Justificar as características da entrevista em GT; realçar aspetos a preservar e erros a evitar nesta entrevista; dar contributos práticos para o desenho e realização de entrevista; Métodos Artigo metodológico que analisa e critica, fundamentadamente, um guião de entrevista e a forma como a mesma foi conduzida; Resultados Usar um guião de entrevista, mesmo que bem construído, pode ser difícil. O entrevistador, ao realizar a entrevistar, pode afastar-se dele e colocar outras questões que pela forma ou pelo conteúdo prejudicam a obtenção de dados relevantes em GT; Conclusões A técnica de recolha de dados precisa ajustar-se ao método de investigação adotado. Investigadores iniciados podem ter dificuldade em construir questões que: reflitam a influência do interacionismo simbólico; que suscitem as perspetivas e o sentido atribuído pelos participantes; que evidenciem as ações socialmente empreendidas e consequências percebida.

Palavras-chave: Enfermagem; Entrevista; *Grounded Theory*; Investigação; Métodos.

THE INTERVIEW IN GROUNDED THEORY: LEARNING FROM PARTICIPANTS

Abstract. Introduction Design and conduct interviews are, in general, imperative for those who investigate in an interpretative paradigm. Consistency and methodological rigor in these studies are result of an appropriate alignment of data collection technique with the used method, in this case, the interview and the grounded theory (GT); Goals Justify the major characteristics of interviews when information is analyzed by GT; highlight critical points to be preserved and errors to be avoided in interviews; make practical contributions to the design and conduct of the interview; Methods methodological article that analysis of interview script and how interview was conducted; Results Using an interview script, even if well-constructed, can be an hard task. When conducting the interview, the interviewer can move away from it and ask other questions that, due to the form or content, make it difficult to obtain relevant data in GT; Conclusions The data collection technique needs to be adjusted to the method adopted for analyzing the collected information. Some researchers, namely the less experience ones, may have difficulty in constructing questions that points out the influence of symbolic interactionism, highlight the participants' perspectives and meaning attributed to their responses as well as the actions socially undertaken and the perceived consequences.

Keywords: Grounded Theory; Interview; Methods; Nursing; Research.

1. INTRODUÇÃO

Na realização de investigação é fundamental, em função do objeto de estudo, realizar opções onto- epistemológicas que devem orientar as decisões metodológicas, pois a consistência da investigação depende desse alinhamento. Para tal deve recorrer à seleção de técnicas que permitam aceder e gerir dados em congruência não só com o que acredita ser a pessoa, o conhecimento e o acesso a ela, mas também em conformidade com os

princípios e as características do método que se propôs utilizar. Assim, desenhar e conduzir entrevista constitui um relevante objetivo e um quase imperativo para quem se propõe realizar investigação no paradigma interpretativo. A investigação neste paradigma tem por desígnio a compreensão situada de fenómenos, ou seja, conhecer tais fenómenos e aceder ao sentido e à intencionalidade que lhes são atribuídos pelos participantes no estudo (Willis, 2007). Uma vez que o conhecimento dos fenómenos humanos só fica completo quando se acede ao sentido que lhes é atribuído por quem os experimentou ou experimenta, então, os modos para conseguir dados sobre uma dimensão da experiência humana tão subjetiva, passam, necessariamente, pela obtenção do relato dessa experiência, na primeira pessoa. Isto concretiza-se, na maioria destes processos de investigação, no uso da entrevista enquanto técnica de recolha de dados.

Acreditamos que as técnicas servem o método: não se bastam ou esgotam em si mesmas. Possibilitam recolher dados, mas não o fazem de modo isento; as técnicas de recolha de dados são ferramentas que conforme o uso que lhes é dado, assim produzem dados distintos, com nuances particulares, podendo mesmo estimular ou refrear, valorizar ou ignorar, libertar ou condicionar o relato da experiência do participante sobre o fenómeno em estudo.

O alinhamento onto-epistemológico e metodológico é relevante e indispensável na construção do rigor ou qualidade no processo de investigação (Charmaz, 2014; Morse & Richards, 2002). Portanto, em investigação interpretativa, a seleção e uso das técnicas de recolha tem repercussão sobre a quantidade e qualidade ou relevância dos dados obtidos. Este facto é ainda ampliado pela circunstância da utilização dessas técnicas – no caso, a entrevista – ser mediada pela pessoa do investigador. Neste paradigma, o investigador é um instrumento “um veículo para obter dados e compreender a experiência do outro.” (Cuesta Benjumea, 2003, p. 5) e, daí que sua capacidade para o uso das técnicas seja relevante para o resultado da investigação. Mas, a mediação pelo investigador, começa antes do uso das técnicas. Os métodos qualitativos realçam o papel significativo do sujeito como investigador. Assumem que a entrevista pressupõe a mobilização de um quadro conceptual que não pode ser desenvolvido à margem do sujeito, desmistificando a ideia do observador neutro, objetivo e independente. Assim, o assumir da subjetividade exige a explicitação da posição do investigador e dos procedimentos, de modo a que possam ser submetidos à discussão crítica, o que concorre para a fiabilidade da Investigação (Gomes, 2009).

Em face do exposto, pretende-se evidenciar e fundamentar como a utilização da técnica de entrevista pode influenciar a obtenção de dados num estudo por *Grounded Theory* (GT).

2. OBJETIVOS

Pretendemos i) justificar as características da entrevista, quando utilizada no âmbito de um estudo de GT, em função dos propósitos e particularidades deste método de investigação; ii) explicitar aspetos a preservar e erros a evitar na entrevista em GT; e iii) dar contributos práticos para o desenho e realização de entrevista, mediante apresentação e comentários ao guião e excertos de entrevista realizada num estudo por GT.

3. MÉTODOS

Este artigo metodológico, tem por base uma revisão narrativa da literatura sobre objetivos e características da GT e as particularidades que uma entrevista, em GT, deve apresentar. Além disso, este artigo suporta-se na análise crítica e fundamentada de um exemplo de utilização de entrevista em GT – guião e excertos de verbatim – realizada por uma estudante no âmbito de uma disciplina do curso de doutoramento em Enfermagem. Assim, apresentar-se-á, resumidamente, o exercício realizado, do qual extraímos o exemplo que se analisa e critica. Mais concretamente, para aprender sobre a utilização da entrevista em GT, foi solicitado aos estudantes que projetassem um estudo que buscasse resposta pelo método da GT. Neste pressuposto, em torno de um tema problematizado, os estudantes definiram objetivos e formularam uma questão de investigação, justificaram a utilização de entrevista para recolher dados e os critérios para a seleção de participantes; desenharam a entrevista, angariaram um participante (por ser um exercício bastaria realizar uma entrevista), informaram e obtiveram consentimento para a sua participação (e para eventual divulgação), realizaram e gravaram entrevista e transcreveram-na. Posteriormente, analisaram, criticaram e fundamentaram o trabalho realizado.

Assim com base na informação recolhida da literatura e da análise crítica e fundamentada de um guião e dos resultados (excertos de verbatim) do exemplo de entrevista apresentado, justificam-se as características desejáveis duma entrevista cuja conteúdo foi pensado e será analisado com recurso a GT em função dos propósitos e particularidades exigíveis por este método. Procura-se ilustrar, com excertos da entrevista realizada, o que esteve ou não esteve alinhado com tais características desejadas bem como o que constituiu erro, a evitar.

4. RESULTADOS

4.1 A *Grounded Theory* como método de pesquisa em paradigma interpretativo.

A GT nasceu do trabalho de Strauss e Glaser em 1967 no campo da investigação sociológica. É um procedimento sistemático e qualitativo usado para gerar uma teoria indutiva baseada na análise sistemática dos dados obtidos em contextos naturais (Charmaz, 2014; Glaser & Strauss, 1967), para o estudo de fenómenos que sejam processos socialmente construídos. Aqueles autores construíram um método para aceder ao conhecimento, inspirado por outra visão do mundo, das pessoas e do conhecimento que não a positivista, e que permitia ao investigador gerar sistematicamente uma teoria substantiva fundamentada em dados empíricos (Charmaz, 2006; Strauss & Corbin, 2008), ou como refere Corbin citando Creswell (2013), “(...) os conceitos a partir dos quais a teoria é construída são derivados de dados coletados durante o processo de pesquisa e não escolhido antes do início da pesquisa” (Corbin, 2017, p. 301).

A *Grounded Theory* é, portanto: (i) um processo de desenvolvimento teórico que recorre à análise interpretativa e conceptualização dos dados e à articulação dos conceitos emergentes, em crescentes níveis de abstração, de modo a que (ii) uma teoria surja indutivamente, mantendo o enraizamento nesses dados sistematicamente recolhidos, de modo a obter-se uma versão da realidade (Oliveira, 2011, p. 49), realidade essa “que não pode ser verdadeiramente conhecida, mas é sempre interpretada” (Strauss & Corbin, 1990, p. 22), pelos participantes e pelo investigador.

O objetivo do investigador em GT é descrever e explicar a experiência do participante, mas também, conseguir captar o sentido que este lhe atribui e a intenção da sua ação nessa experiência, para aceder à compreensão do fenómeno em estudo. Então, entende-se que o investigador precise obter do participante um relato que para além de sequenciar condições e acontecimentos, os justifique, os articule, um relato que enuncie como o participante interpretou ou o sentido que lhe fez o vivido e como agiu. Assim, percebe-se quão determinante pode ser o meio e o modo como o investigador obtém tal relato. Em GT o investigador está frequentemente dependente daquilo que o participante lhe refere, da qualidade do relato que produz. Aceder a informação desta natureza e com tal nível e profundidade só se consegue através da técnica de entrevista, quando planeada e conduzida com elevado cuidado e atenção, dado que, “(...) na prática, nem o pesquisador

simplesmente faz perguntas, nem os informantes simplesmente as respondem, uma vez que perguntas e respostas estão ligadas ao seu mundo social.” (Cuesta Benjumea, 2003, p. 4). Não se trata de fazer umas perguntas e obter algumas respostas. Trata-se de fazer as melhores perguntas – e as melhores são as mais estimulantes e oportunas face ao curso do relato, as que ajudam a explorar a experiência e a aproveitar as dicas, as meias palavras do participante – para obter as melhores respostas – as que aprofundam a experiência, durante o relato, que informam sobre o propósito e o enredo de um acontecimento particular, as que revelam as circunstâncias específicas que ocasionaram ações e consequências concretas.

4.2 A Entrevista em Grounded Theory

A entrevista qualitativa pode ser definida como “uma entrevista, cujo objetivo é reunir descrições do mundo da vida do entrevistado no que diz respeito à interpretação do sentido dos fenômenos descritos” (Kvale, 1983, p. 174 citado por Opdenakker 2006). Nesta linha de ideias, destacamos as entrevistas que fazem sentido utilizar no âmbito da investigação interpretativa e mais concretamente em GT: a entrevista semiestruturada e a entrevista aberta ou em profundidade ou entrevista intensiva (Chamaz, 2006) ou ainda entrevista focada (Edwards & Holland, 2013), “entrevistas caracterizadas por níveis crescentes de flexibilidade e falta de estrutura.” (Edwards & Holland, 2013, p. 3). Contrariamente, em GT não é indicado recorrer a entrevista estruturada, pois neste caso, o guião a ser construído, previsivelmente, será resultante de ideias prévias do investigador sobre o fenómeno e isto contraria a natureza indutiva que gera a teoria fundamentada.

Recordemos que num estudo por GT, o investigador procura ativamente aceder à experiência do participante, mas também à intencionalidade da sua ação e ao sentido(s) que ele lhe atribui; à interpretação que faz do vivido. Este trabalho de acesso, de busca, de ajuda à explicitação é, afinal, um esforço de co-construção de sentido e é, ele próprio, uma construção social “(...) é a interação dos participantes na situação da entrevista – o pesquisador e o pesquisado – que cria conhecimento. Os dados (...) são considerados uma co-construção” (Edwards & Holland, 2013, p. 17).

Naturalmente, os princípios gerais duma entrevista, em investigação científica, devem ser mantidos.

Contudo, a entrevista em GT apresenta alguma característica particulares:

- Preparar a entrevista (desenhá-la) de modo a diferenciar questões a serem colocadas conforme o momento da entrevista e a confiança criada: Perguntas iniciais – pedem descrição; intermédias – detalham e aprofundam; e finais – procuram perceber a evolução, o impacto, procuram dar margem para algo esquecido ou que o entrevistado pretenda visitar/aprofundar (Charmaz, 2006);
- O tipo de entrevista é variável ao longo do estudo – pode passar de entrevista semiestruturada a entrevista focada;
- É dinâmica ao longo do estudo: grau de teorização dos achados determina o conteúdo das entrevistas subsequentes, tendendo a ocorrer um “fechamento” progressivo (Wimpenny & Gass, 2000), o que obriga a mudar questões de entrevista ao longo do estudo;
- A entrevista pode ser informal (Wimpenny & Gass, 2000), geralmente associada ao uso de observação participante;
- As questões são “indiretas”, as questões nunca devem ser ‘a questão de investigação’ propriamente dita (Glaser, 1992 citado por Wimpenny & Gass, 2000);
- Procura-se a interpretação dos participantes sobre o processo social em estudo, o que requer:
 - Aceder ao sentido dado à ação
 - Aceder à leitura que o participante faz dos efeitos dessa ação
 - Aceder a como os resultados mudam, ao que mudou na ação ou nas circunstâncias/cenário da ação
 - Aceder ao *como*, ao *quando*, ao *quem*, ao *por que razão*... para ‘desocultar’ o processo subjacente ao fenómeno e estudo.

Face às características da GT e da sua entrevista, importa, ao desenhá-la e realizá-la, salvaguardar alguns aspetos, ora a serem integrados ora a serem evitados:

- A integrar:
 - Ouvir! Ouvir, ouvir, mais do que falar;
 - Estar disponível para aprender com participante e demonstrá-lo!
 - Realizar questões claras em torno de apenas um foco;

- Realizar questões que pedem descrição de experiência concreta, pedem exemplos do experimentado;
 - Realizar questões que ajudam a perceber em que circunstâncias algo aconteceu, como aconteceu, e o que resultou;
 - Realizar questões que exploram ou aprofundam ideias e factos referidos;
 - Reformular questão que não esteja a resultar (cuidado, pois reformular não é perguntar coisa diferente);
- A evitar:
- Induzir a resposta;
 - Fazer questões duplas;
 - Interromper (cortar raciocínio);
 - Mudar de assunto sem dar atenção ao dito (Ignorar assunto de interesse para o participante);
 - Interrogar ou questionar “Porquê?”;
 - Perguntas de resposta fechada (induzem respostas pobres: “sim” ou “não”);
 - Mudar de assunto ou perder “pistas”;
 - Não pedir clarificação de resposta ambígua ou conceitos pouco claros (atenção à sua “agenda oculta” do investigador que o leva a presumir significados);
 - Corrigir ou dar opinião;
 - Silenciar o participante (pressa em acabar entrevista).

Entrevistar pode ser tão habitual que pode parecer fácil, mas não o é; é difícil, requerendo esforço e prática (Willis, 2007). Com tantos aspetos a considerar quer no desenho, quer na condução da entrevista, percebe-se porque o autor a reputa de difícil. Esta dificuldade é acrescida pelas múltiplas exigências a que o entrevistador precisa atender: i) requer profunda atenção ao curso da entrevista, à relação criada, à interação e ao conteúdo e forma de colocar as questões e aos conteúdos referidos, para não perder pistas, não validar expressões dadas por garantidas (as ‘meias palavras’, os termos ambíguos), não deixar ideias inconclusas; ii) requer flexibilidade, para possibilitar ao entrevistado ‘navegar’ na sua experiência, sem o apressar, silenciar, ou mostrar desinteresse.

4.3 Um exercício de entrevista em Grounded Theory

Apresentamos agora o exercício de aplicação – uma entrevista – que ilustra os princípios a respeitar e erros a evitar no desenho e realização de entrevista num projeto de estudo pelo método da GT, realizado com o propósito e condições anteriormente descritas. A questão de investigação formulada, neste projeto de estudo, foi: “Como decorre o processo da transição de saúde do imigrante em Portugal?” O objetivo geral do estudo foi: “Conhecer o processo da transição de saúde do imigrante em Portugal. O fenómeno em estudo era passível de ser estudado com o método de GT na medida em que se pretendia compreender e interpretar um processo social, neste caso a transição de saúde dos imigrantes, em Portugal. Os participantes seriam imigrantes em Portugal. A amostragem inicial seria por conveniência, considerando a experiência sobre o fenómeno e a disposição para participar e consentimento dado para tal. Este tipo de amostragem é utilizado no início do estudo GT para identificar o âmbito, os componentes principais e a trajetória de todo o processo (Bryant & Charmaz, 2007), dando posteriormente lugar à amostragem teórica que a GT requer. A técnica de colheita de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada com um guião geral, de que se apresenta um extrato no Quadro 1. Como referido, a entrevista que aqui se analisa foi precedida de obtenção de consentimento informado e ocorreu em local, data e hora escolhidos pelo participante.

Constata-se que um dos princípios das colheitas de dados qualitativas – “(...) localizar participantes excelentes para obter excelentes dados” – foi cumprido, visto que o participante detinha as características indicadas por Bryant & Charmaz (2007) informante privilegiado: com vontade em participar; com tempo para partilhar a informação necessária; reflexivo, interessado e capaz de falar sobre a experiência. Contudo, o cumprimento deste princípio não é por si só indicador de uma boa entrevista, como se irá constatar seguidamente. Antes da colheita de dados, foi dada prioridade ao conforto do participante Charmaz (2014; foi reforçada a informação dada procurando-se criar clima de confiança. Foi realizada a formalização do consentimento já anteriormente referido.

Pretendeu-se através da entrevista de GT explorar questões implícitas sobre as condições (o quê, onde, por que), as estratégias (como, quando, que emoções, quem) e as consequências (resultados) do fenómeno (Strauss, A., & Cordin, J. 2008) – a transição de saúde do imigrante em Portugal.

Quadro 1. Guião da entrevista

<i>Perguntas Iniciais</i>	<i>Perguntas intermédias</i>
<ul style="list-style-type: none"> - Fale-me acerca da sua vinda para Portugal. - O que o levou a emigrar e a escolher esta região (Lisboa)? - E o que é que o ajudou a tomar esse passo... de vir estudar para cá? <ul style="list-style-type: none"> - ... isso ajudou? - Pode descrever a pessoa que era antes vir? <ul style="list-style-type: none"> - Como era a sua saúde? 	<ul style="list-style-type: none"> - Como planeou a vinda para cá? - Como foi sair do país, do país onde nasceu? - Veio alguém consigo de S. Romão? - E em Lisboa, como foi a sua vida? <ul style="list-style-type: none"> - ... que mudanças ocorreram? - O que realçaria? - Como se sentiu nesse período de mudança para cá?
<i>Perguntas Finais</i>	
<ul style="list-style-type: none"> - Pode descrever a pessoa que é agora? - O que é que esta experiência mudou em si? - Nesta experiência de emigrar, recorda-se de algum outro aspeto que o marcou muito, de algum modo? - Quer dizer-me algo mais? 	

A passagem da construção do guião à realização da entrevista apresentou algumas dificuldades, embora em muitos aspetos a entrevista tenha sido bem conduzida e sobretudo, muito bem analisada e criticada pela própria estudante, o que revelou uma notável capacidade de insight e aprendizagem. Assim, apesar de na construção do guião ter havido o cuidado de não introduzir nas perguntas as palavras “porquê” e “porque”, e a expressão “porque é que”, de forma a não intimidar o entrevistado e a evitar que se sentisse pressionado a justificar-se, nem estivessem previstas questões de resposta fechada, nem fosse intenção interromper a narrativa, constatou-se que durante a realização da entrevista algumas questões acabaram por ser colocadas, menos adequadamente, conforme se ilustra:

- “O que o levou a emigrar, principalmente para Portugal, e porque escolheu vir para Lisboa?”
- “Porque é que diz que estão melhor aqui que em São Romão?”;
- “Porque acha que isso acontece?”;
- “Porque é que gosta? (...) Porquê esse interesse?”.

Outro aspeto que se considera dever evitar são as perguntas que podem induzir a resposta do participante e, portanto, inibir ou alterar a expressão dos sentidos que atribui à sua experiência, e ainda, o existir mais do que um tópico numa mesma pergunta, como o que se sucedeu nas seguintes questões:

- “Quando voltou, já disse à sua família «Olhem, se calhar é de vez, vou ficar por lá.?»;

- “E a sua família não perguntou quando veio «Vais para ficar, quando é que voltas?» E eles não sentiram, não pressentiram?”;
- “E o que é que o ajudou a... ter coragem (...) de vir estudar primeiro e depois de vir novamente em 2006? (...) Porque não deve ser fácil, sair de casa, da terra que sempre conheceu, da vida... da natureza, das coisas que gostava, da família, (...) O que é que lhe deu força para realmente conseguir?”;
- “Quando saiu do seu país nessa altura, lembra-se o que é que pensou? «Olha, agora vou sair.» Lembra-se o que é que lhe passou na cabeça? «Vou desistir» ou... «Tem mesmo de ser.»?”.

Identificou-se também o recurso ao pedido de opinião do entrevistado, o que desloca o foco da sua experiência para a atuação de terceiros ou simplesmente para “fora” do que viveu, vive, sente, percebe, o que não é o pretendido. Tal aconteceu nas seguintes perguntas:

- “E acha que, por exemplo, nos serviços de saúde as pessoas estão informadas dos direitos dos migrantes?”;
- “Porque acha que isso acontece?”;
- “Acha que até poderia fazer parte do currículo do aluno?”.

Constatou-se, na condução da entrevista, o investigador mudar de assunto ou perder ‘pista’ deixada pelo participante, como na seguinte passagem, desaproveitando e não aprofundando conteúdo potencialmente relevante (deixando de explorar “o que foi complicado”):

- Participante – “(...) depois receitou-me vários medicamentos. Mas nessa altura, ainda recordo hoje, foi complicado... foi complicado. Fiquei para aí quase dois ou três meses com uma gripe muito forte...”
- Investigador – “E como foi em relação à sua religião?”.

Considera-se que estas dificuldades nas questões formuladas são passíveis de evitar com a prática de entrevistas e a autocrítica. Evitá-las é fundamental para que o investigador seja capaz de compreender a experiência a partir da visão dos participantes (Bryant & Charmaz, 2007; Charmaz, 2014).

5. CONCLUSÕES

A GT é um método de investigação absolutamente dependente dos dados recolhidos (e da interpretação sobre eles realizada). Será nesses dados que a teoria será fundamentada (GT). Deste modo, aceder aos melhores dados que permitirão trazer novidade ao conhecimento e compreender o fenómeno em estudo, dependerá do modo como se utilizam as ferramentas para tal recolha, nomeadamente, de como se desenha e conduz a entrevista aos participantes. Entrevistar para recolher dados, no âmbito da investigação por GT, pressupõe a conceção e a realização de “uma certa entrevista”, alicerçada nos propósitos e particularidades deste método, que permita chegar aos dados e manter os achados fundamentados nos mesmos (*grounded*). A entrevista, como qualquer outra técnica usada em investigação interpretativa, não é um fim em si mesma, é um meio para alcançar um fim – a obtenção de dados conformes e uteis ao método em uso. Identificaram-se aspetos que foram preservados no desenho da entrevista e equívocos ocorridos na sua condução. Contata-se que investigadores iniciados podem ter dificuldade em construir questões que: reflitam a influência do interacionismo simbólico; que suscitem as perspetivas e o sentido atribuído pelos participantes; que evidenciem as ações socialmente empreendidas e consequências percebidas. A bem da construção do rigor metodológico e no espírito da melhor prática de investigação, importa estar alerta e sensível para o modo como se usam as ferramentas no processo, e neste caso, como se pensa, desenha e realiza a entrevista num estudo (e uma teoria) que se pretende fundamentado nos dados ou seja, *grounded*.

6. REFERÊNCIAS

- Bryant, A. & Charmaz, K. (2007). The SAGE handbook of grounded theory. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: SAGE Publications.
- Charmaz, K. (2014). Constructing grounded theory (2nd ed.). Los Angeles: SAGE Publications.
- Charmaz, Kathy (2006). Constructing grounded theory. A practical guide through qualitative analysis. London: SAGE Publications.
- Corbin, Juliet (2017). Grounded theory. The Journal of Positive Psychology, 12()3, 301-302, DOI: 10.1080/17439760.2016.1262614
- Cuesta Benjumea, C. (2003). El Investigador Como Instrumento Flexible de la Indagación. International Journal of Qualitative Methods, 2 (4), 25-38. <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/160940690300200403>
- Edwards, Rosalind & Holland, Janet (2013). What is qualitative interviewing? London: Bloomsbury.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. Chicago/New York, Aldine de Gruyter.
- Gomes, I. D. (2009). Cuidado de si. A natureza da parceria entre o enfermeiro e o doente idoso no domicílio. Tese de doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. Disponível em

<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3800/4/Tese%20PhD%20Enfermagem%20Idalina%20Gomes.pdf>

Oliveira, C. S. (2011). O cuidado confortador da pessoa idosa hospitalizada: Individualizar a intervenção conciliando tensões. Tese de doutoramento à Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/3815>

Opdenakker, Raymond (2006). Advantages and Disadvantages of Four Interview Techniques in Qualitative Research. *Forum: Qualitative Social Research*, 7(4), Art.11.
file:///C:/Users/35196/Downloads/Advantages_and_Disadvantages_of_Four_Interview_Tec.pdf

Morse, J. M., & Richards, L. (2002). *Readme first for a user' guide to qualitative methods*. Thousand Oaks: SAGE Pub.

Strauss, A., & Cordin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*, 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED (Tradução de *Basics of qualitative research*, 2nd ed. 1998).

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research. Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: SAGE Publications.

Willis, J. W. (2007). *Foundations of qualitative research. Interpretative and critical approaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications.

Wimpenny, Peter & Gass, John (2000). Interviewing in phenomenology and grounded theory: is there a difference? *Journal of Advanced Nursing*, 31(6), 1485-1492.